

Conseqüências do discurso moderno na subjetividade feminina

Luís Andrade

Vou fazer algumas considerações sobre como o discurso capitalista modifica a economia psíquica da mulher e repercute na sua subjetividade.

Sabemos que Lacan faz uma leitura da sociedade moderna através do seu matema do discurso do capitalista. Esse discurso, para ele, é uma modificação do discurso do mestre, modificação essa imposta pelo discurso da ciência. Mas é preciso que observemos que, enquanto o discurso do mestre antigo produzia sujeitos livres nos seus laços sociais, o discurso capitalista produziu uma multidão de proletários, fora de todo laço social, cujo padrão é o gozo desenfreado. Isso porque este discurso, o capitalista, caracteriza-se pela exclusão da castração e por um empuxo contínuo ao gozo sem limites. Para que isso funcione, o capital, ajudado pela ciência, produz uma espiral incessante de artefatos para o consumo que assujeita os indivíduos ao gozo. Ou seja, a ciência exclui o sujeito, comanda os desejos e alimenta o ciclo da produção capitalista. Os meios de comunicação, por sua vez, são a água que faz rodar esse moinho.

Se a ciência aliou-se ao capital para produzir tal sociedade, isso não veio sem todo um cortejo de conseqüências sociais e individuais. Do ponto de vista social, o primeiro grande remanejamento dos laços sociais se manifesta nos seus efeitos de universalização. Tudo, inclusive o corpo, passa a girar em torno da grande máquina da produção e do consumo. Ora, a realidade psíquica não pode ser universalizada, pois ela se caracteriza pela diferença, e tanto o gozo como o sintoma são do registro do singular. Um primeiro corolário dessa universalização é a redução de todos os indivíduos, homens e mulheres, à categoria de trabalhador universal, como conseqüência da redução do sujeito à concepção cartesiana, que ignora as diferenças de sexo. Colette Soler chamou isso de “efeito unissex”, numa

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

alusão à moda unissex, que veste os homens e as mulheres com o mesmo modelo. Um segundo corolário da universalização é o empuxo à igualdade universal, à homogeneização, comandada por um ideal utópico de justiça distributiva. Segundo esse ponto de vista, todos têm os mesmos direitos à satisfação imediata e à indenização dos supostos prejuízos. Tudo tende a legitimar situações ou atender reivindicações de acordo com esse ideal de justiça distributiva. As diferenças tendem a ser abolidas, inclusive as diferenças de sexo. É nesse sentido que Lacan fala de uma proletarização generalizada como sintoma social. O proletário moderno não é servo de um mestre, mas de seu gozo. O preço que se paga por isso, e aqui teríamos uma terceira consequência, que decorre das duas anteriores, é o sacrifício da singularidade. O sujeito cede sua singularidade, sua diferença, em prol do mais gozar imposto pelas vias prescritas pela ciência.

Do ponto de vista individual, como o inconsciente é um saber cuja moeda não se presta nem à universalização, nem à acumulação, o sujeito moderno se torna um sujeito sem ideal, ou de muitos ideais, ao sabor das circunstâncias. Ele se torna um “fora do laço social”, perdido na multidão. É um sujeito desarrimado, que não sabe bem qual é o seu lugar. Daí a tendência permanente à dispersão, à pulverização dos grupos sociais, inclusive o da família e o do par amoroso. As identificações são instáveis e os deveres também.

Falei do efeito unissex produzido pela universalização da ciência. Agora volto a ele para mostrar suas repercussões no sujeito feminino.

Todos os homens e mulheres estão submetidos ao primado do falo. Sabemos que é o falo que responde pela diferença dos sexos no inconsciente, organizando a diferença entre homens e mulheres bem como suas relações. Contudo, existe uma dissimetria entre o homem e a mulher em relação à função fálica.

Para Freud, a diferença dos sexos se determina no registro do ter: um tem, outro não tem, seguindo-se daí as diferenças subjetivas- ameaça e medo de perder, de um lado; inveja do pênis – que Lacan chama de “nostalgia da falta a ter” -, do outro. Freud diz que, face à inveja do pênis, a mulher tem três opções: ou ela renuncia ao sexo; ou ela desenvolve um complexo de masculinidade, pelo qual ela denega a falta, prometendo-se um substituto a ser encontrado pelos seus próprios meios; ou ela aceita encontrar um substituto no amor do pai e no dom do filho; nesse caso, a mulher não renuncia ao falo, mas aceita buscar o seu substituto pela mediação daquele que o tem, isto é, o homem.¹

Lacan não contesta o falocentrismo freudiano (Aturdito, 1972). Para ele, igualmente a questão para a mulher gira em torno do não-ter. É a ausência do pênis que faz dela falo (Subversão do sujeito e dialética do desejo, p. 825). Contudo, ele situa a verdadeira dissimetria entre o homem e a mulher na oposição entre ter o falo e ser o falo. É na dialética do ter com o ser que se resolve a questão da diferença sexual. E é em relação à castração que se decide o problema da subjetivação do sexo, e não no registro imaginário da identificação, como freqüentemente se pensa.

Freud acha que ter um filho é a maneira de que a mulher dispõe para compensar sua falta fâlica; quer dizer, para ele, a maternidade se sobrepõe ao desejo propriamente feminino.

¹ S. Freud, Über die weibliche Sexualität. GW, XIV, p.522.

Hélène Deutsch, a polonesa queridinha de Freud, fez-se arauto dessa posição. Lacan não entra nessa. De saída, dirá Lacan, todos, homens e mulheres, estamos submetidos à falta-a-ser. O homem compensa sua falta-a-ser pelo ter e pelo benefício do gozo. Já a mulher, que tem sua falta-a-ser redobrada pela privação do órgão, encontra a solução à sua falta-a-ser na relação com o homem que lhe produza um efeito de ser. É assim que a mulher, através do amor de seu parceiro, compensa sua falta-a-ser por um efeito de ser: ela se torna o que ela não tem. Ser o falo é o que designa a mulher. É com esse semblante que, na relação sexual, ela é chamada a ocupar o lugar de objeto.

Essas maneiras diferentes de se haver com a castração produzem efeitos específicos na economia dos gozos e nas identificações do homem e da mulher. O gozo fálico, correlativo da falta-a-gozar imposta pela castração, é universal, quer dizer, é oferecido a homens e mulheres indistintamente. Embora tenha sua esfera privilegiada no campo que vai do erotismo à relação sexual, esse gozo é um gozo capitalizável, um gozo que se acumula. Seu domínio se estende para o campo da realidade, para aquilo que Lacan chama de “as realizações mais efetivas”: o saber, o poder, o trabalho, etc. Mais além do gozo fálico, existe um outro gozo, esse especificamente feminino. Enquanto o primeiro está sujeito à rede descontínua do significante, por ele sendo regulado, o segundo não é tomado pelo significante, ultrapassa o sujeito (1972, *Étourdit*), deixando-o, como diz Lacan, “entre uma pura ausência e uma pura sensibilidade” (1962. “Propos directifs pour un Congrès sur la sexualité féminine”). Não se sabe, não se inscreve. Experimenta-se. É um gozo real, mais-

além do fálico, mais-além do objeto, mais-além do dizer. Divide o sujeito feminino e engendra defesas e exigências específicas. O gozo vaginal e o gozo místico são suas epifanias.

Fiz esse desvio pela questão fálica e pelos gozos para que se compreenda melhor o impacto da civilização moderna sobre as mulheres, como veremos a seguir.

Um dos efeitos da ciência e do discurso capitalista foi expandir o campo do gozo fálico para as mulheres. A chamada liberação das mulheres lhes deu cada vez mais acesso a todos os campos do gozo fálico. Se quiséssemos utilizar as categorias “a casa e a rua”, criadas pelo nosso antropólogo Roberto da Mata, assim as parafrasearíamos, dizendo que a mulher saiu de casa e tomou as ruas. O antigo perímetro da casa, onde o gozo fálico se restringia praticamente ao marido e aos filhos, foi rompido de forma inexorável. Hoje as mulheres ocupam espaços em todos os quadrantes da vida política, cultural, social e religiosa. Portanto, não restam dúvidas: a realidade das mulheres mudou graças à civilização da ciência, que se tornou cúmplice da identificação feminina ao ter. Qual a consequência disso? O problema é que o gozo fálico não identifica a mulher enquanto mulher. O homem acredita poder identificar-se como homem pela apropriação do gozo fálico, e isso por conta da estrutura descontínua desse gozo, em consonância com os fenômenos do sujeito. Nesse sentido, é um gozo homogêneo à identificação do homem enquanto homem. E a experiência mostra isso muito bem: quanto mais os homens acumulam gozo fálico, mais

eles se reconhecem, fazem-se reconhecer e são reconhecidos como homens. Isso se vê até na atitude, por vezes fanfarrônica, com que amiúde alguns deles apresentam suas proezas sexuais ou suas conquistas amorosas!... É sabido que Sade contabilizava seus gozos na parede da sua cela de prisão. Jorge Amado, em *Tereza Batista cansada de guerra*, criou um personagem que contabiliza seus desvirginamentos com o acréscimo de mais uma argolinha de ouro no trancelim que ostenta no pescoço. É que, para um homem ter uma mulher, isso o deve levar a posicionar-se falicamente, mesmo se o gozo fálico opera e se acumula em diferentes campos da realidade. Com a mulher é diferente. O seu gozo, o gozo feminino, não a identifica como mulher. (Falo de identificação sexuada, e não de sujeito). Não consta que a mulher se reconheça como tal em função de sua quantidade de orgasmos. O gozo feminino, em não sendo descontínuo, não se contabiliza. Há um provérbio sobre o gozo feminino que expressa bem a natureza desse gozo. Diz assim: tal como uma gazela sobre um rochedo, o homem passa por cima de uma mulher e não deixa rastros. Portanto, não pode ser contado!

Poder-se-ia perguntar: - E por que a mulher não se identifica com o gozo feminino? A resposta é a seguinte: por causa da forclusão do significante do gozo feminino. Sabemos que no inconsciente só há um significante para inscrever o gozo e a diferença dos sexos: o falo. E é por isso que a mulher se esforça para se identificar pela via do amor. Não podendo ser *A* mulher, a solução é ser ao menos *uma* mulher. Mas como o seu gozo não lhe pode especificar sexualmente como *uma* mulher, ela vai procurar ser a mulher de um

homem. É como se ela tomasse emprestado esse “um” do um do homem. Ela passa por esse “um” de um homem, do qual ela espera a exclusividade do amor. Ser a única é sua exigência. Segundo Lacan, a mulher exige exclusividade no amor porque seu gozo a ultrapassa. Essa demanda (de amor feminino) é um esforço para corrigir a falta-a-ser. Nesse sentido, o amor complementa a castração, corrigindo-a de alguma forma. Quando o amor acaba, é como se a pessoa perdesse um pedaço de si mesma.²

O resultado de tudo isso é que o sujeito feminino moderno freqüentemente é vítima de um drama subjetivo próprio à nossa época: o drama da mulher bem sucedida profissionalmente e devastada pelo fracasso da vida amorosa. Isso porque o gozo fálico que a realidade social lhe oferece é muito menos aleatório do que a realização no amor, cuja possibilidade de efetivação é muito mais contingente. O amor acontece. Mas não é todo dia, nem em qualquer lugar, nem quando a gente bem quer. Ademais, como diz Lacan, o discurso capitalista simplesmente deixa de lado as coisas do amor.³

Vimos que o gozo fálico não as identifica como mulheres, de forma que, quanto mais elas acumulam gozo fálico, mais elas têm conflitos subjetivos, ou seja, mais elas se inquietam com sua feminilidade. Conflitos que podem ser tributados aos efeitos de discordância, resultantes da divisão redobrada, provocada pelas visadas de gozos não harmônicos. Clínica

² No que concerne à castração, o amor não tem o mesmo valor para o homem que para a mulher. Por isso, em relação a essa vertente do amor, não há simetria entre eles.

³ Cf. J. Lacan, O saber do psicanalista. Lição de 06.01.1972.

e fenomenologicamente, isso se manifesta por uma culpa redobrada, pela angústia e pela inibição. No entanto, já o vimos, é um fato de estrutura que a mulher se institui como tal pela demanda de amor, quer dizer, pela sua exigência de se fazer ser pelo Outro. É no amor, mediante o desejo do parceiro, que a falta-a-ser da mulher se traduz num efeito de ter compensatório: ela se torna o que ela não tem.⁴ Ante essa realidade, é de se perguntar, como Kant: - O que se pode fazer, o que se pode esperar? Evidentemente não se trata de apregoar o retorno das mulheres para o recinto fechado da casa. Não se trata tampouco de empreender uma cruzada contra o discurso capitalista. O psicanalista, diz Lacan, não tem que tomar partido, mas deve constatar o fato.⁵ A psicanálise não é uma formação reativa à vontade de gozo, diz Colette Soler.⁶ Ela será causa de um desejo outro. Sua vocação é mudar alguma coisa na economia do gozo, emancipando o sujeito dos impasses da versão capitalista do super-eu. O discurso do analista persegue o “ser alguém” em vez de ser “qualquer um”; busca a diferença absoluta, a singularidade do sujeito, o reconhecimento do desejo e do objeto como falta, o saber no lugar da verdade. Aí está porque a psicanálise hoje, ao contrário da ciência e do discurso capitalista, visa recolocar o sujeito em sua própria casa, fazendo valer seus direitos e confirmando a justeza da assertiva freudiana de que o homem não é senhor em sua própria casa.

⁴ Cf. Colette Soler, op. cit., p.200.

⁵ J. Lacan. *Autres Écrits*. Paris, Ed. Du Seuil, 2001, p.439.

⁶ Cf. Colette Soler. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria, 1998, p.262.

- “Mas quem pode prever seu sucesso e seu resultado”?, podemos perguntar com Freud.⁷
Como quer que seja, “a vida dói quanto mais se goza e quanto mais inventa”, escreveu Fernando Pessoa, sem saber que estava antecipando o discurso de Lacan.

João Pessoa, 25 de maio 2005.

Trabalho apresentado na Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas, em Recife, em 28.5.2005.

⁷ S. Freud, Das Unbehagen in der Kultur. GW, XIV, p. 506.